



A infância e a memória involuntária na obra No caminho de Swann, de Marcel Proust

¹Ana Cleia Silva Pereira, ²Yasmine Nainne e Silva Cardoso, ³Cinthia Andréa Teixeira dos Santos, ⁴Keury Carolaine Pereira da Silva, ⁵Maria do Socorro Nascimento da Costa, ⁶Ana Patrícia Chaves Ferreira



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p5538-5553>

Artigo recebido em 21 de Agosto e publicado em 21 de Outubro de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Este artigo explora a temática da infância e da memória involuntária na obra "No caminho de Swann", de Marcel Proust. Através de uma análise literária, busca-se compreender como a memória, especialmente a memória involuntária, desempenha um papel crucial na formação da identidade do eu narrador e na construção de experiências passadas. A famosa passagem da madeleine, onde o gosto do bolo desencadeia uma série de lembranças da infância em Combray, exemplifica a conexão íntima entre o paladar e as memórias, revelando a capacidade da mente de recuperar momentos significativos de forma inesperada. A pesquisa destaca como Proust utiliza a memória não apenas como uma ferramenta de rememoração, mas como um meio de compreender a afetividade e a relação do sujeito com o tempo e o espaço. A obra, portanto, convida o leitor a refletir sobre a natureza subjetiva da memória e sua influência na percepção do passado. Sabe-se que o romance *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, se tornou uma das obras mais importantes da literatura mundial, contendo ao todo sete volumes que revelam com bastante descrição a vida do protagonista Marcel. Com base nessas observações, o objetivo desse texto é relacionar

¹ Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: cleiasp-ana1@hotmail.com

² Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: yasmincardoso@hotmail.com

³ Mestre em Teoria Literária – Universidade Estadual do Maranhão - UEMA- cinthianead@hotmail.com

⁴ Acadêmica curso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. carolainekeury@gmail.com

⁵ Mestre em Teoria Literária – Universidade Estadual do Maranhão - UEMA- Maria.ncosta@hotmail.com

⁶ Pós-Graduada "Stricto Sensu" Mestrado em Ciências da Linguagem-UNIR patiraferrera@gmail.com



o primeiro volume do romance de Proust, *No caminho de Swann* (2006), com os estudos a respeito da memória involuntária e reconstrução da infância. Para isso, utilizaremos as reflexões de Benjamin (1994), Bergson (1999), Halbwachs (1990), entre outras referências análogas a essas. Nesse sentido, observamos a importância do romance proustiano para a própria teorização da memória, bem como, de que forma a infância é reconstituída a partir da memória involuntária, e do inconsciente.

PALAVRAS-CHAVE: Proust; Memória Involuntária; Infância.

ABSTRACT

This article explores the themes of childhood and involuntary memory in Marcel Proust's "Swann's Way." Through literary analysis, the article seeks to understand how memory, especially involuntary memory, plays a crucial role in shaping the narrator's identity and constructing past experiences. The famous passage about the madeleine, where the taste of the cake triggers a series of memories from childhood in Combray, exemplifies the intimate connection between taste and memory, revealing the mind's ability to recall significant moments unexpectedly. The research highlights how Proust uses memory not only as a tool for remembrance, but also as a means of understanding affectivity and the subject's relationship with time and space. The work, therefore, invites the reader to reflect on the subjective nature of memory and its influence on the perception of the past. Marcel Proust's novel "In Search of Lost Time" has become one of the most important works of world literature, comprising seven volumes that reveal the life of the protagonist, Marcel, with great detail. Based on these observations, the objective of this text is to relate the first volume of Proust's novel, *Swann's Way* (2006), to studies on involuntary memory and the reconstruction of childhood. To this end, we will draw on the reflections of Benjamin (1994), Bergson (1999), Halbwachs (1990), and other similar references. In this sense, we observe the importance of Proust's novel for the theorizing of memory itself, as well as how childhood is reconstructed from involuntary memory and the unconscious.

KEYWORDS: Proust; Involuntary Memory; Childhood.

Instituição afiliada – Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Autor correspondente: *Cinthia Andréa Teixeira dos Santos* – cinthianead@hotmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

Primeiro volume da obra *Em busca do tempo perdido*, o romance *No caminho de Swann*, de Marcel Proust, foi escrito ao longo de 14 anos e publicado pela editora Bernard Grasset, em 1913, depois de ser recusado por vários editoriais. O narrador, nesta obra, insere o leitor no seu espaço literário a partir de lembranças da infância e da história de amor e ciúme de Swann por Odette.

A obra *No caminho de Swann* (2006) traz ao leitor uma das mais famosas e relevantes passagens da literatura, quando o narrador come uma espécie de bolinho, denominado Madeleine, no qual é embebida de chá e com tal ação é transportado por sua consciência, involuntariamente, para o seu passado, se deixando conduzir por sua memória. Neste romance narrado ora em terceira pessoa e ora em primeira, será registrado o momento de iluminação do narrador que reconstruirá toda a sua vida, desde sua infância até sua vida adulta.

Marcel Proust insere em sua obra a história de uma época e de uma consciência que é marcada pela observação e pela reflexão. O autor traz em seu romance a relação entre o mundo e o eu, pois para Proust o mundo não é organizado apenas em torno de nós, mas ele está em nós, nós somos o mundo. A obra nos mostra a observação satírica e irônica das vivências e dos modos de uma sociedade e também, uma análise das impressões mais modestas da consciência e do pensamento.

Na primeira parte da obra *Em busca do tempo perdido* o escritor faz um arranjo literário no qual a memória afetiva nos traz uma das passagens mais poéticas do autor. No primeiro volume do romance de Marcel Proust, é consagrado as lembranças da infância e da juventude de Marcel. Com a narração em primeira pessoa o narrador pretende trazer uma experiência mais íntima para o romance e pretende recuperar o conjunto de sua experiência vivida.

No romance, o personagem Marcel tem como objetivo a busca de experiências vividas no passado, mais especificamente as que são relacionadas a sua infância. É importante ressaltar que não podemos confundir o autor com o personagem, pois este pertence ao universo da ficção e é como protagonista que “assume a função de herói em torno do qual se constrói o mundo romanesco criado por Proust” (SOUSA-AGUIAR,



1984, p.17).

Proust (2006) revela em sua obra a sociedade francesa e sua existência fútil e fácil, uma realidade muito atormentada e turbulenta, visto isso, a arte serve como um canal que penetra com suas raízes na vida social, de modo que chega a descobrir as várias peculiaridades que a constitui.

O autor nos mostra um retrato da sociedade francesa e uma imagem dos costumes socioculturais de uma camada social que vive em uma esfera do eu superficial que se deixa conduzir pelas aparências, pela população e, principalmente, pelo aspecto involuntário da vida em sociedade. Dessa forma, o narrador coloca em destaque o caráter artificial das atitudes mundanas.

Sabe-se que a sociedade moderna é marcada pela industrialização e pelo capitalismo. Essa época dá início ao progresso científico, industrial e especialmente, demonstra a aceleração do tempo. O homem contemporâneo não consegue se incorporar de modo feliz nessa sociedade, de certa forma, desconhecida para si. Portanto, há uma rejeição, uma rachadura entre o artista contemporâneo e essa sociedade.

Octávio Paz, em *Os filhos do barro* (1984), afirma que essa rejeição pode ocorrer de duas formas: pela ironia e pela analogia. A primeira refere-se a própria manifestação dessa abertura entre o eu e o mundo moderno, já a segunda busca uma afinidade entre o eu e um lugar no qual não exista uma ruptura e fragmentação do eu. Deste modo, reconhecemos que a infância é um espaço no qual o artista contemporâneo estabelece uma relação de afinidade, de comunicação.

Na obra de Marcel Proust, *No caminho de Swann* (2006), a recordação da infância, do personagem Marcel, traz de volta sentimentos já esquecidos. No romance vemos que são as sensações, os sentidos que ocasionam as recordações, a rememoração, o narrador – personagem Marcel, nesses momentos, voltará a Combray, ao mundo da infância, que simboliza um lugar conhecido e seguro para o qual o herói deseja retornar.

Em suma, é pela memória involuntária que Marcel irá reviver a verdadeira felicidade, um dia perdida, reavivará a paz da infância feliz em Combray. Em suma, o passado de Marcel se tornará a matéria, única e singular do primeiro volume da obra de Proust, *No caminho de Swann* (2006).



Por este ângulo, neste trabalho pretendemos esboçar um estudo a respeito da memória literária baseada na obra de Marcel Proust, *No caminho de Swann* (2006). Em seguida faremos uma análise da memória involuntária na obra do escritor que é considerado o grande monumento literário do século XX para a memória cultural. Faremos, ainda, uma explanação sobre a contribuição do autor para os estudos sobre a memória e em seguida, bem como a relação entre a obra e os estudos sobre memória involuntária e a reconstrução da infância do personagem principal da obra estudada.

METODOLOGIA

A metodologia deste artigo é de natureza bibliográfica e busca explorar a análise de poemas sob a perspectiva da memória e da vivência nas cidades, com ênfase na obra "No caminho de Swann", de Marcel Proust. A pesquisa se divide em algumas etapas que visam promover uma compreensão mais profunda dos temas em questão, organizando-se da seguinte forma:

Revisão Bibliográfica: A primeira etapa consiste na revisão da literatura sobre a relação entre memória, poesia e espaço urbano, com foco nas obras de Proust e outros autores que discutem temas semelhantes. Serão analisados textos teóricos de críticos e estudiosos que abordam a memória involuntária e a experiência estética na literatura. Autores como Henri Bergson, que discute a memória e o tempo, e críticos de literatura que exploram a intersecção entre memória e cidades, serão fundamentais para sustentar a análise.

Análise dos Poemas: Após a revisão bibliográfica, serão selecionados trechos específicos da obra "No caminho de Swann" que evidenciam a relação entre memórias e seus contextos urbanos. Os poemas escolhidos para análise serão examinados quanto à sua estrutura, linguagem e temáticas. A intenção é identificar de que maneira Proust retrata a memória e a experiência urbana em sua obra, levando em consideração a subjetividade do eu lírico.

Contextualização Histórica e Social: Além da análise literária, será importante contextualizar historicamente e socialmente a obra de Proust, considerando o período em que foi escrita e o impacto das transformações urbanas na construção da identidade e memória dos indivíduos. Essa abordagem permitirá uma compreensão mais completa das influências que moldaram o pensamento do autor.

Diálogo entre Teoria e Literatura: Por fim, a pesquisa fomenta um diálogo entre



a teoria e a prática literária. Através da análise dos poemas, buscamos refletir sobre os insights que a obra de Proust proporciona no que se refere à memória e à experiência urbana, amparando-os na bibliografia revisada.

Essa metodologia visa proporcionar uma análise rica e aprofundada, que estabeleça conexões entre os conceitos de memória, poesia e cidade, enfatizando a relevância da obra "No caminho de Swann" para a compreensão da experiência humana na modernidade. Ao final, espera-se que as reflexões geradas por esta pesquisa contribuam para um entendimento mais amplo das complexidades relacionadas à formação da memória e sua representação literária em contextos urbanos.

MARCEL PROUST E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS DA MEMÓRIA

Marcel Proust notável romancista, ensaísta e também crítico literário, contribuiu fortemente para os estudos da memória, fato que está evidente com mais notoriedade no cerne da obra conhecida *Em busca do tempo perdido* ela é, falando mais precisamente, uma coletânea que reúne séries ficcionais com personagens cheios de personalidades e traços reflexivos, alguns com características verossímeis existentes na vida real do autor.

A obra dele, pelas configurações cuidadosas da sua produção e as técnicas de escrita muito peculiares, passa a ser considerada uma das mais bem elaboradas que delineiam limiar entre sonho e realidade usando dessas veias criativas para expor também a decadência da sociedade qual ele estava inserido com um tom satírico e uma crítica nas entrelinhas de seus personagens.

O autor se destacou nos estudos memorialísticos por abordar uma perspectiva interessante dentro de suas obras, a importância da memória que fica no inconsciente humano para a evocação de lembranças significativas ligadas aos sentimentos, não apenas a busca por um fato e a reconstituição deste, tal como foi, mas a tessitura dessa memória passada através das sensações no presente. Essa tentativa de ressignificar essas lembranças que, por estarem em época distante, são mais difíceis de serem resgatadas, mas que por algum fator emocional ligado a esses eventos é possível a evocação através de sensações como cheiros, imagens, ruídos que façam com que possam vir à tona novamente.

Classificada como memórias involuntárias essas que surgem sem um esforço



de lembrar, mas por algum gatilho emocional, ou situação que favoreça essa reminiscência. E de certa forma também levam o caráter de memórias significativas, pois escaparam a deformação ou apagamento que a passagem do tempo causa aos fatos que acontecem na vida do seres humano, elas são encontradas nas séries comumente em rememoração de acontecimentos da infância, fase esta, carregada de fatos marcantes, porém distanciados no tempo e com mais dificuldade de serem recuperados, mas que pela influência da carga emocional intensa sobreviveram ao fator cronológico.



A contribuição do autor nos estudos voltados à memória foi ressaltada por críticos literários consolidados, como Walter Benjamin, entre outros, a fortuna crítica ampla sobre a obra de Marcel Proust chega a denominá-lo como o responsável por tornar o século XIX, como o “século dos memorialistas”.

Somente Proust fez do século XIX um século para memorialistas, o que era antes dele uma simples época desprovida de tensões, converteu-se num campo de forças, no qual surgiram as mais variadas correntes, representadas por autores subsequentes (BENJAMIN, 1994, p. 40).

Segundo Walter Benjamin (1994), Proust consagra todo um século através de sua produção, e inova ao trazer seu próprio conceito de memória, trabalhando-a não como uma memória presente apenas com cognitivo, ou seja, nas estruturas cerebrais, mas em todo o corpo, defendendo que os membros do nosso corpo também são carregados de lembranças através das sensações, cheiros, imagens, etc. Para ele a memória concebida genuinamente não é aquela que detalha tudo como ocorrera no passado, mas aquela em que se tece no presente acontecimentos que escaparam a ação cronológica, a que é capaz de recriar os fatos com as impressões do agora sobre o outrora.

As personagens que são trabalhadas em seus textos são detalhadas psicologicamente e abordadas com uma riqueza de detalhes, essa veia criativa de Proust em recriar a realidade através da busca das lembranças e sensações faz com que às vezes o leitor sinta a impressão de estar em estado de sonho constante, essas formas de definir e executar a memória presente nas escritas proustianas dialogam constantemente com as ideias da essência do “eu” de Sigmund Freud (1990), em que a essência do indivíduo está no tempo e o presente é alterado pelas impressões do passado que projetam desejos para o futuro. Para a compreensão da obra de Marcel Proust deve levar em conta o caráter imaginativo e surreal do sonho. Segundo Benjamin (1994, p. 39):

Toda interpretação sintética de Proust deve partir necessariamente do sonho. Portas imperceptíveis a ele conduzem. É nele que se enraíza o esforço frenético de Proust, seu culto apaixonado da semelhança. Os verdadeiros signos em que se descobre o domínio da semelhança não estão onde eles o descobre, de modo sempre desconcertante e inesperado, nas obras, na fisionomias, ou na maneira de falar.



Essa técnica de associar os signos e sensações para a reconstituição das memórias, o refazer da semelhança, e não da reprodução tal qual fora o acontecimento, traz uma novidade às rememorações na obra literária do autor, nesse sentido, tudo que é descrito e citado pode ser uma representação de alguma lembrança a ser evocada, mas nunca algo real no presente, sempre acontecimentos que podem ser modificados e transformados pela imaginação.

Os detalhes presentes nas narrativas são responsáveis por manter o leitor memorialista sempre em conflito entre realidade e sonho, técnica que consegue prender a atenção deste e aguça sua veia interpretativa e criativa para efetivação de sua interpretação literária, o que em Proust potencializa a importância da memória mais que algo a ser reproduzido, mas como dito por Benjamin (1987 p. 37):

Pois um acontecimento vivido é finito ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura.

O autor revela, assim, o caráter mais completo e interessante do trabalho de quem rememora pois exige uma postura comprometida e cuidadosa ao tecer as lembranças, não repetindo-as, mas recriando-as. Esse é um trabalho de composição, o que é ainda mais laborioso.

A MEMÓRIA INVOLUNTÁRIA E A RECONSTITUIÇÃO DA INFÂNCIA

Como vimos até aqui, a rememoração em Proust é algo que nos chama a atenção. O autor de *Em busca do tempo perdido* não pretende narrar uma experiência fiel a realidade vivida, mas descreve as lembranças de uma vida que diz respeito somente a quem viveu. Ao retomar sua infância, lugares, pessoas; o autor estabelece em sua escrita um trabalho artístico de tessitura da memória, nesse sentido, é como se o narrador tentasse recuperar na íntegra as suas lembranças mais remotas. A personagem central da obra *No caminho de Swann* (2006) resgata principalmente as imagens relacionadas a sua primeira infância, em uma busca pela autocompreensão. Nas palavras de Walter Benjamin (1994, p. 37):

Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela



de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu. Porém esse comentário ainda é difuso, e demasiadamente grosseiro. Pois o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração [...].

O ato de rememorar em Proust é instituído pela personagem-narrador, Marcel, por meio das sensações, sentidos e evocações de sua infância em Combray, lugar que geralmente passava suas férias e feriados, junto aos avós e tios. Assim, a memória involuntária é o processo pelo qual o narrador estabelece essa conexão com o seu passado, num percurso fragmentário, circular, nos dando uma sensação de lembrança infinita.

Bergson (1999) explica que existem dois tipos de memória: a memória do corpo e a memória espiritual. Sendo assim, essas formas de memória podem aparecer como maneiras de evocar e manter vivo o passado: “O passado sobrevive sob duas formas distintas: 1) em mecanismos motores; 2) em lembranças independentes” (BERGSON, 1999, p. 84). O autor esclarece que todo esse processo consiste numa espécie de memória voluntária, que surge através da repetição de uma ação se diferindo da lembrança espontânea, essa surge de maneira inesperada, resultado de um uma essência provocada pela emoção e não pela repetição. Mesmo diferenciando esses dois tipos de memória, notamos que Bergson (1999) entende esse processo de evocação da memória como uma ação de livre escolha e acima de tudo, consciente.

Indo em direção oposta a essa teorização, Proust (2006) nos traz em sua narrativa, a presença de uma memória estritamente involuntária. A cena mais célebre do romance *No caminho de Swann* (2006), o momento em que Marcel, ao experimentar uma madalena molhada em uma xícara de chá, deixa claro para nós essa construção da memória involuntária, única capaz de dar vasão às lembranças do passado do narrador:

E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da missa) minha tia Léonie me oferecia, depois de o ter mergulhado em seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto. O simples fato de ver a Madalena não me havia evocado coisa alguma antes que a provasse; talvez porque, como depois tinha visto muitas, sem as comer, nas confeitarias, sua imagem deixara aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque, daquelas lembranças abandonadas por tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo



se desagregara; as formas — e também a daquela conchinha de pastelaria, tão generosamente sensual sob sua plissagem severa e devota — se haviam anulado ou então, adormecidas, tinham perdido a força de expansão que lhes permitiria alcançar a consciência (PROUST, 2006, p. 44-45).

É através da memória gustativa que toda a infância de Marcel vem à tona. No trecho acima percebemos que as memórias desse período estavam no seu inconsciente, impossíveis de serem acessadas sem que houvesse um fator externo que permitisse ao personagem alcançar esse estado de rememoração. O fato é que, ao tomar o chá, Marcel não possui a intenção de recordar o seu passado; tampouco as ações que o levam a lembrar-se são voluntárias ou premeditadas. A personagem testemunha, assim, a visão de um tempo longínquo, distante, envelhecido, pois, “saiu, cidade e jardins, de minha taça de chá” (PROUST, 2006, p. 45). Ao se distanciar das concepções de Bergson (1999), Proust (2006), em seu romance, nos afirma ser impossível recordar de uma existência transcorrida empreendendo uma ação voluntária. Lê-se:

Mas como o que eu então recordasse me seria fornecido unicamente pela **memória voluntária**, a memória da inteligência, e como as informações que ela nos dá sobre o passado não conservam nada deste, nunca me teria lembrado de pensar no restante de Combray. Na verdade, tudo isso estava morto para mim (PROUST, 2006, p. 43, grifo nosso).

O narrador reforça o papel do acaso nessas recordações. A cada passo que damos em direção a infância de Marcel, percebemos que as memórias ali descritas são o resultado de uma ocasional recordação que se mistura com elementos do presente. Num fluxo de consciência, percebemos a descontinuidade da vida da personagem e de como sua infância moldou o homem que narra aqueles fatos.

A partir das regressões ali expostas, notamos o papel da mãe na formação da personalidade do menino. O narrador em primeira pessoa descreve a sua necessidade de receber um beijo de sua mãe todas as noites antes de dormir:

Quando subia para me deitar, meu único consolo era que mamãe viria beijar-me na cama. Mas tão pouco durava aquilo, tão depressa descia ela, que o momento em que a ouvia subir a escada e quando passava pelo corredor de porta dupla o leve frêmito de seu vestido de jardim, de musselina branca, com pequenos festões de palha trançada, era



para mim um momento doloroso (PROUST, 2006, p. 24).

Esse simples fato é algo de extrema relevância durante toda a sua infância e também em sua vida adulta, quando, a partir de suas lembranças, o narrador vivencia todos aqueles acontecimentos pueris com uma intensidade igual ou até maior do que aquela que experimentou há anos atrás.

É difícil identificar ao certo qual momento específico da infância do narrador está sendo apresentado. A narrativa não é linear, o que nos causa uma impressão de que a infância é o agora, e o agora é resultado das memórias, sendo assim, tornam-se uma só descrição, uma interferindo diretamente na outra. Danielle Cristina Mendes Pereira (2014, p. 351) explica que “O esforço de trazer à tona a memória depara-se com fragmentos, desejos, invenções, pistas do real, que juntos desenham um quebra-cabeça com peças faltantes”.

Os pais, os tios, os avós, os amigos da família, todos tiveram um papel fundamental na formação do garoto, além disso, os lugares de memória também são recorrentes e aparecem descritos em longos parágrafos nesse exercício de reconstrução, como a própria Combray, e o caminho que percorria passando pela propriedade do Sr Swann durante passeios em família, e, também, a casa que frequentara na infância

Swann se enquadra, nesse sentido, como um indivíduo multifacetado no que diz respeito aos pensamentos de Marcel. O visitante que, indiferente aos sentimentos do narrador, aparecia quase todas as noites na casa da família para jantar, interrompendo o cotidiano já raro de expressões de carinho entre um filho e uma mãe: “Mas fui eu a única pessoa de casa para quem a vinda de Swann se tornou objeto de dolorosa preocupação. Era que nas noites em que havia estranhos, ou apenas o sr. Swann, mamãe não subia ao meu quarto (PROUST, 2006, p. 30)”.

A relação que se dá entre a chegada de um visitante para o jantar e ordem para que o menino subisse para o seu quarto, nos proporciona ainda a imagem da criança isolada. Por isso, essa carência no que diz respeito aos cuidados da mãe, aos poucos amigos, a relação com os adultos, a percepção do mundo pelo olhar da solidão, ao mesmo tempo direcionada ao fato do personagem construir seus gostos e dissabores baseado nessas vivências.



A complexidade em torno da infância de Marcel é resultado das memórias que invadem o seu ser involuntariamente. Halbwachs (1990), a respeito das memórias de infância, nos diz que:

O mundo, para a criança, não é jamais vazio de humanos, de influências benfazejas ou malignas. Nos pontos onde essas influências se encontram e se cruzam, corresponderão talvez, no quadro de seu passado, as imagens mais distintas, porque um objeto que iluminamos nas duas faces e com duas luzes nos revela mais detalhes e se impõem mais à nossa atenção (HALBWACHS, 1990, p. 43).

O autor enfatiza que a criança precisa estar próxima de um grupo social para que as suas lembranças sejam iluminadas e fixadas, o mais comum é que esta tenha ao seu redor a família, colaborando com as certezas e incertezas, as decepções, formando e criando memórias. Ao ser tomado repentinamente pelo passado, o narrador faz uso dessas experiências vividas por ele e as descreve com perfeição, apoiado em memórias outras, lembranças de um tempo progresso junto a sua família, fazendo emergir também algo mais íntimo e individual, as impressões dele para com a sua própria vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos realizados, observamos que o narrador-personagem, ao retomar o passado, o tempo esquecido, ele não relembra apenas o tempo, mas também os espaços onde os fatos ocorreram. Espaços íntimos, como a sua casa, quartos e espaços externo, como as ruas, estradas, jardins, entre outros. No entanto, esses espaços que reaparecem são irregulares e fragmentados, pois apenas algumas lembranças são resgatadas de suas memórias. Além disso, observamos a importância da família na construção do sujeito, sendo ele moldado e envolvido a todo momento por definições moduladas que eram apresentadas e representadas durante toda a sua infância, a partir do núcleo familiar e social.

Segundo Walter Benjamin (1994, p. 450), Proust não nos faz compreender uma ideia de tempo ilimitado, mas de um tempo entrelaçado, resultado do envelhecimento (externo) e da reminiscência (interno), ou seja, em frente a um meio social moderno, em que o eu se mostra fragmentado e envelhecido pela interferência do tempo externo.



É na “construção da recordação” no campo das “relações”, da memória involuntária, que o narrador buscará o seu rejuvenescimento para encarar o envelhecimento.

É através de uma sensação que Marcel reviverá momentos de sua infância no qual dará início as duas memórias. A sensação do paladar, ao comer uma madalena embebida em uma xícara de chá, que permitirá o personagem resgatar imagens de sua infância. Portanto, o passado se torna a matéria, única e singular, na obra. Marcel irá firmar a memória involuntária, fixando as sensações e interpretando as imagens recriadas na e pela memória.

REFÊRENCIAS

BENJAMIN, Walter. **A imagem de Proust**. In: _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 36 49.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREUD, Sigmund. El “yo” y el “ello”. In: Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

PAZ, Octávio. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. **SOLETRAS**, [S.l.], n. 28, p. 344-355, dez. 2014. ISSN 2316-8838. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16314>>. Acesso em: 20 abril 2021. doi: <https://doi.org/10.12957/soletras.2014.16314>.

PROUST, Marcel. **No Caminho de Swann**. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2006.

SOUSA-AGUIAR, Maria Arminda de. **Introdução a Proust**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Aliança Francesa, 1984.